

E' caso digno de nota, que quando uma nação attrahida pela grandeza ou pelos progressos de outra pertencente a raça diversa da sua é levada a imitar sem peias, seus traços característicos e nacionaes, procura assimilar especialmente as qualidades nocivas e as menos compatíveis com a sua indole.

Assim deu-se na Grecia quando alli penetraram os costumes orientaes, assim deu-se em Roma quando esta foi conquistada pela cultura hellenica e tem-se dado em todos os paizes que preferem perder seus caracteres nacionaes a deixar de importar costumes exóticos. Assim está se dando em toda a America Latina com relação á cultura dos Estados Unidos. No Brasil o habito de macaquear tudo quanto é estrangeiro, é, pode-se dizer, o unico que não tomamos de nenhuma outra nação. E', pois, o unico traço característico que já se póde perceber nessa sociedade em formação que se chama: o povo brasileiro.

Arraigou-se de tal forma esse habito em nossos patricios que já antes de expirar entre nós o regimen ao qual devemos setenta annos de prosperidade, os propagandistas davam como principal razão a favor do novo regimen, a da excepção na America! Entretanto, a nação que, pelos seus progressos conseguiu attrahir melhor as sympathias do governo e do povo brasileiro foi justamente a menos digna de nossas sympathias, a mais impropria para ser imitada; foi a republica dos Estados Unidos. Foi essa sympathia e consequentemente essa imitação, que creou em nós uma attracção infreme pelo utilitarismo yankee. Um outro factor que influiu sobre o desenvolvimento do utilitarismo no povo brasileiro e dessa nossa tendencia natural para imitar tudo que é estrangeiro, foi a importação do regimen republicano. A Strauss não passou despercebida a superioridade da monarchia sobre a republica, na formação e no desenvolvimento intellectual de uma nacionalidade.

A Suissa depende intellectualmente da Allemanha como os Estados Unidos da Inglaterra. Notara o grande philosopho germanico que a seus patricios apparecem aquellas republicas, dotadas de um realismo grosseiro, de um empirismo frio e prosaico e que, ao serem elles transportados a seu solo, falta-lhes essa atmospherica delicada que haviam respirado em sua patria. Nos Estados Unidos, ha, além do mais, um ar infecto de corrupção que se exhala das classes que governam, difficil de ser encontrado na Europa. O utilitarismo e a preocupação de ganhar dinheiro, a *aurea sacra fames*, conquistaram os norte-americanos em detrimento do espirito intellectual, da moralidade politica e da propria liberdade individual. Isso deu aso a que Schopenhauer os qualificasse de proletarios da humanidade. Seu caracter proprio, diz elle, é a vulgaridade sob todas as formas: moral, intellectual, esthetica, vulgaridade que se manifesta não somente na vida privada mas tambem na vida publica. O auctor de *Die Welt als Wille* attribuia essa vulgaridade em parte á constituição republicana dos Estados Unidos e em parte, á sua origem, isto é, a terem sido no principio uma colonia penitenciaria ou por possuírem por ascendentes, "homens que tinham razões para fugir da Europa."

Seja qual fór a causa, o certo é que o utilitarismo mais do que o de qualquer outro, já dominou o espirito do povo norte-americano. O nosso caminho a seguir devesse ser o mais conforme a nosso temperamento. Não possuimos a activida-

de, a disposição a certos trabalhos, de modo tão accentuado, como os habitantes das terras frias.

O utilitarismo yankee não se coaduna absolutamente com a indole do povo brasileiro, que não tem semelhança alguma com a do norte-americano da qual é o extremo opposto.

A sua intuição entre nós levar-nos-ia, naturalmente a veredas diversas das que dirigiam os norte-americanos. E' uma illusão, crêr-se que a adopção delle dar-nos-ia o vigor e a actividade naturaes nos yankees. Do connubio entre individuos pertencentes a raças oppostas, sahe, na melhor das hypotheses, o albino. Imagine-se o pandemonio que nasceria do entrelaçamento de duas civilizações completamente differentes. Tanto a reunião entre individuos de raças diversas como entre civilizações oppostas é sempre monstruosa, os seus productos não o podem ser menos. Só o desenvolvimento das qualidades naturaes de um povo pode tornalo prospero e feliz. A actual civilização dos Estados Unidos é um exemplo disso. Os germens do utilitarismo já os levaram consigo os passageiros do Mayflower e os colonisadores da Virginia. Desenvolveram-se naturalmente tornando-o numa qualidade innata e intrinseca, na nação norte-americana. Ora, não ha quem deixe de admirar o extraordinario poder de iniciativa, a consideravel actividade physica, a incomparavel força de organização que caracterizam o povo norte-americano. Não ha quem, intimamente, deixe de admirar-o, embora poucos sejam os que podem estimar-o.

No proprio Brasil ha homens que têm-se mostrado avesso á mania de americanização de tudo quanto é nacional em desproveito na nossa propria individualidade.

Um delles, José Verissimo, dizia, ha tempos:

"Eu confesso, não tenho pela desmarcada e apregoadissima civilização americana, sinão uma mediocre inveja. E, no fundo do meu coração de brasileiro alguma cousa ha que desdenha daquella nação tão excessivamente pratica, tão eminentemente, perdoem-me a expressão, *strugforlisia*."

Em outro lugar diz o notavel critico dos *Estudos de Litteratura*: "Admiro grandemente aquelle egregio povo, mas não o invejo e, sobretudo — e isto para nós é o principal — não creio applicavel utilmente ao Brasil quanto lhes fez o progresso admiravel nem quanto os desvanee a elles mesmos."

Caso a civilização yankee fosse applicavel a nosso paiz, o seu *abstractum*, o que a torna grandiosa em sua patria nunca aportaria nas plagas brasileiras, porquanto a indole de um povo não se modifica tão facilmente á simples acção de agentes externos. Demais, as nossas condições climatericas impediriam que isso esdesse.

Quando muito seguiriamos a regra geral importando apenas as exterioridades dessa civilização, quero dizer, os defeitos, que ella possui e que não podia deixar de possuir dado o seu caracter emphatico e exagerado. Apenas serviria, — se isso significa servir — para fazer crescer as nossas desventuras, parasitar esta civilização já doentia e desidiosa, tirando-nos, mais, o caracter de povo livre moralmente, caracter que já quasi não possuímos e acelerar a formação, de que não estamos longe, de um cadinho aberto aos defeitos de todos os povos, no qual só ficará de nacional a propriedade de saturar-se delles.

O nosso *desiderandum* é o caminho que nos traçou a natureza, só elle nos fará prosperos e felizes, só elle nos dará um caracter nacional de que tanto carecemos. E o caminho que nos traçou a natureza é o que nos conduzirá a Ariel, sempre mais nobre e mais digno do que Caliban.

Ariel, o genio do ar, em *The Tempest* de Shakespeare, representa a espiritualidade em contraposição a Caliban, symbolo do utilitarismo, e que além do mais é um *savage and deformed slave*.

Ariel, diz Clarin, no estudo publicado como Prologo, á magnifica obra do notavel pensador uruguayo José Enrique Rodó, recentemente fallecido, Ariel "ama a intelligencia por si mesma, a belleza, a graça e os puros mysterios do infinito."

E o velho e venerando mestre a que soiam chamar Prospero, por allusão ao sabio mago da "A tempestade" de Shakespeare, assim dizia á mocidade sul-americana prognosticando a victoria, entre nós, de Ariel sobre Caliban:

"Costumo embriagar-me com o sonho do dia em que a realidade fará pensar, que a cordilheria que se ergue sobre o solo da America, foi talhada para ser o pedestal definitivo desta estatua (a de Ariel), para ser a ara immutavel de sua veneração."

Sergio Buarque de Hollanda

Da

Revista do Brasil

de "Maio, 1920

n.º 53